



Identidade Narrativa em Harry Potter¹

Janayna BARROS²

Ada Cristina Machado SILVEIRA³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O presente artigo examina a construção de identidade narrativa na saga Harry Potter, de J.K. Rowling. Perpassamos pela teoria de Umberto Eco para a compreensão da trama como um jogo de cartas marcadas, assim como nos utilizamos do percurso gerativo de sentido obtido do mapa semiótico proposto por Jean-Marie Floch e Andrea Semprini. Partindo do percurso, observamos a formação identitária narrativa a partir de Paul Ricoeur, e observamos como ela é construída através da personagem Molly Weasley e sua importância na construção do caráter do personagem principal, Harry Potter.

Palavras-chave: Harry Potter; Mapa semiótico; identidades narrativas; representação feminina; Combinatória Narrativa

Introdução

A saga Harry Potter é um sucesso de proporções mundiais, aproximadamente, 450 milhões de cópias vendidas, a terceira maior bilheteria da história do cinema e a maior de 2011⁴; um portal que em menos de um ano (de acesso irrestrito) já conta com mais de 6 milhões de usuários. Falamos de fenômeno no mundo editorial, cinematográfico e digital, uma história transmiada que alcançou o sucesso.

A história escrita por Joanne Kathleen Rowling – J.K. Rowling – alcançou o sucesso, trata-se do típico *best seller*. Os livros *Harry Potter e a Pedra Filosofal*; *Harry Potter e a Câmara Secreta*; *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*; *Harry Potter e o Cálice de Fogo*; *Harry Potter e a Ordem da Fênix*; *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* e *Harry Potter e as Relíquias da Morte* alcançaram grandes vendas como já exposto.

Os aspectos principais que nortearam essa pesquisa que esta, em parte, relatada neste artigo, estavam focados na compreensão da construção dos mundos (opostos) retratados nas histórias de J.K. Rowling, o *trouxa* e o *mágico*. Sendo que o mundo *trouxa* é povoado pelos seres que não possuem característica mágicas, enquanto o mundo mágico já propõe o seu oposto. O cerne a ser desvendado dentro dessa construção social são as formações das identidades narrativas da mulheres que habitam nessa sociedade dualista. Este artigo trata,

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestranda de Comunicação Midiática pela UFSM, e-mail: janayna_barros@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona. Professor Associado III do Departamento de Ciências da Comunicação, Programas de Pós- graduação em Comunicação Midiática e Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: ada.machado@pq.cnpq.br

⁴ Fonte: Site UOL. Acesso em 11 de abril de 2013.



brevemente, das noções de mídia do livro, aspectos teóricos dos autores base, como Umberto Eco (1991), Jean-Marie Floch (1993) e Andrea Semprini(1995), assim como de Paul Ricoeur (1991), ao final apresentamos o exemplo de identidade narrativa analisada, Molly Weasley

1. Mídia do livro – ponto de partida

Os livros, os filmes, o parque temático, o portal Pottermore, todos são produtos de mídia, produtos de massa segundo Muniz Sodré (1988). E os estímulos de produção e consumo vem da oferta versus procura, tais estímulos partem do mercado que consome esses produtos. A sociedade, conforme explica Sodré (1996), esta cada vez mais suscetível aos produtos culturais, um apetite fomentado e saciado pela indústria, Harry Potter é a resposta da indústria para a necessidade apresentada pelo público, um *best seller* na sua mais genuína forma. Essa indústria sobrevive da criação de figuras heroicas de referência para atrair o público, caso do personagem principal da saga. Afastar tal figura de um livro da indústria cultural é impossível, pois sem tal, não se mantém o público-leitor. A indústria, segundo Martín-Barbero (2009) apenas alimenta a demanda por mitos e heróis.

Pois, se uma mitologia ‘funciona’ é porque dá resposta a interrogações e vazios não preenchidos, uma demanda coletiva latente por meios e esperanças [...] Eis aí segundo Morin, a verdadeira mediação, a função de meio, que cumpre dia a dia a cultura de massa: a comunicação do real com o imaginário (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 90 e 91).

O público-leitor, tanto em décadas passadas, quanto hoje, busca nas páginas uma semelhança consigo, uma fuga da realidade, uma possibilidade de se tornar um herói também. A narrativa de J.K. Rowling atende todos esses aspectos, cabendo assim o rótulo de produto midiático da indústria de massa.

2. Representação feminina

A pesquisa que originou este artigo selecionou várias personagens para análise, trazemos como exemplo neste artigo o mapa resultante da análise da personagem Molly Weasley. Porém, antes de iniciar a montagem do percurso e sua análise, se faz necessário abordar, de forma breve, a representação feminina, contextualizando com a saga Harry Potter.

Dentre as várias autoras que trabalham com a representação da identidade feminina, podemos citar Simone de Beauvoir (1970), ao descrever a mulher como o outro. A mulher, neste sentido possui um papel secundário perante a sociedade, e a mídia exerce papel fundamental na construção e definição de gênero. De Beauvoir (1970) procura explicações na



biologia, psicologia e economia para a compreensão dessa posição social inferior delegada à mulher. Nas suas análises nenhuma dessas esferas davam conta dos porquês. A autora Ruthann Mayes-Elma (2006), em um trabalho de análise do primeiro volume da série Harry Potter, cita de Beauvoir (1970) e explica a importância da superação dessas esferas, da transcendência. Transcendência essa que viria através do intelecto, do estudo.

As personagens de J.K. Rowling pouco demonstram essa transcendência, poucos são os casos de mulheres que sucedem, intelectualmente, e que cercam o personagem principal. Citamos como exemplo a professora Minerva McGonagall e a colega Hermione Granger. Essa construção é influência direta na formação identitária de gênero nos leitores da saga. Helena Confortin explica sobre a influência que essas construções podem ter:

homens e mulheres são produzidos socialmente e esta produção se dá em múltiplas instâncias sociais: dá-se através dos discursos, das doutrinas, das imagens, dos símbolos, na escola, na família, na igreja, através da mídia, enfim, ser homem e ser mulher é um processo que não está pronto na hora do nascimento da pessoa. É um processo que se dá ao longo da vida e de acordo com as múltiplas influências e instâncias (CONFORTIN, 2003, p.111).

O trabalho de Eliza T. Dresang (2002) é que aponta para uma possível crítica à construção social expressa nas obras de Rowling. Sua percepção é a mesma de um fã que postou em um blog que vê na saga Harry Potter um espelho irônico de nossa sociedade, ou seja, comandada por homens. Percebe-se que há poucas bruxas em posição de comando, assim como as mulheres em nossa sociedade. Traça-se assim um paralelo entre a realidade e a ficção.

3. Apontamentos teóricos-metodológicos⁵

3.1 A história como partida

Nossa pesquisa inicia com os preceitos de Umberto Eco, ao expor em seu livro, O super home de massa (1991), quando expõe seus achados acerca da narrativa de Ian Fleming, James Bond. Segundo suas pesquisas, a trama se desenrola de forma semelhante em todas as novelas, sem modificações na forma de sucessão dos fatos. O mesmo esquema pode, quase que perfeitamente, ser aplicado à saga Harry Potter. As histórias desenvolvem-se sob um esquema contínuo, que Eco (1991) chama de “partida”. No caso de Harry Potter:

⁵ As questões sobre os pares encontrados na trama e a formação do mapa semiótico utilizado para análise foram amplamente trabalhados no artigo Best seller: Harry Potter e a mídia do livro, publicado na revista EmQuestão no ano de 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/26838>>. Acesso em 14 mar. 2013.

- Harry começa a história na casa do tios trouxas
- Embarca para Hogwarts
- Sente a cicatriz doer, avisando que o mal aproxima-se
- Harry e seus melhores amigos (Rony Weasley e Hermione Granger), embora tentem fugir do perigo, buscam o enfrentamento – Bem X Mal
- Alívio temporário
- Avisos de perigo futuro

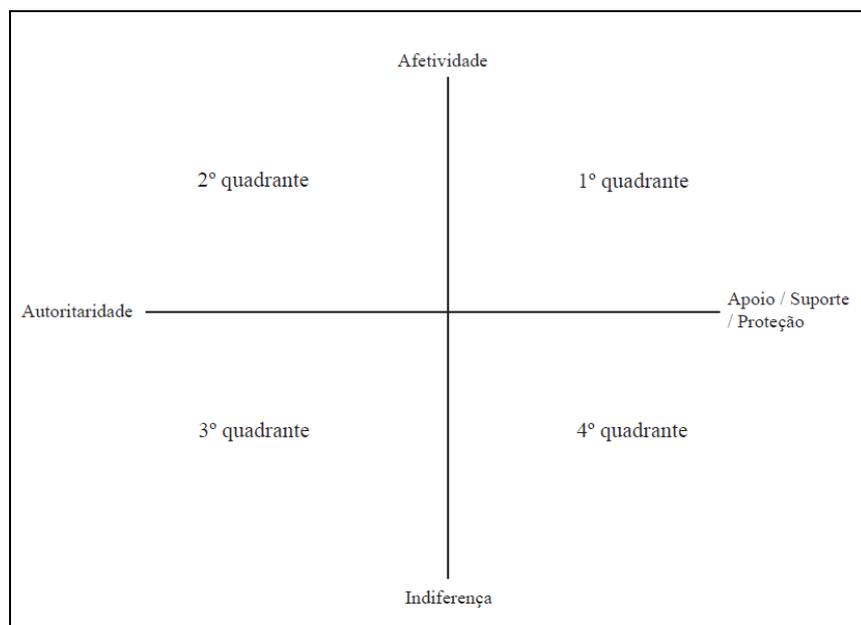
Embora alguns poucos pontos possam ser modificados ao longo dos sete volumes, basicamente, a trama se desenrola dentro dessas premissas.

3.2 Mapa Semiótico

Estabelecido o esquema de evolução do enredo, necessitamos buscar um aporte para compreender como é a evolução da identidade das personagens femininas. Esse aporte veio através do mapa semiótico, cunhado por Greimas e Courtés (1982), e mais profundamente trabalhado por Jean-Marie Floch (1993) e Andrea Semprini (1995). Tal esquema nos possibilita a simplificação (em relação a sua origem que observa vários aspectos de um produto e sua relação com o público). Optamos por apenas abordar os valores que norteiam as personagens de J.K. Rowling, valores que vieram a partir da análise realizada com a partida proposta por Umberto Eco (1991).

Observamos quatro grandes valores: Afeição, Apoio (suporte, proteção), Indiferença e Autoridade. Uma vez encontrados, foram colocados no mapa, obtendo o seguinte esquema:

Figura 1: Mapa Semiótico



Fonte: das autoras, baseado em Floch (1993) e Semprini (1995).



Os valores aqui expostos, num primeiro momento, podem não parecer oposições, mas o são. Como exemplo, a indiferença jamais é encontrada junto à afetividade. Todo personagem que demonstra afeto pelo personagem principal – Harry Potter –, jamais será indiferente a ele e suas atitudes.

3.3 Identidades narrativa através de Paul Ricoeur⁶

O questionamento de Paul Ricoeur (1991), ao iniciar sua trajetória sobre a identidade narrativa, era se poderia haver uma estrutura que comportasse duas classes narrativas – a ficcional e a histórica. O autor parte a procura dessa integração. Ele explica que a identidade no sentido idem, emprega um grau maior de hierarquia nos significados que permanecem ao longo do tempo, a qual se opõe ao é inconstante. A expressão que nomina o livro *O si mesmo como um outro* (1991) direciona para um entendimento de que uma identidade “ não se deixa pensar sem a outra, que uma passa bastante na outra” (RICOEUR, 1991, p. 14).

O emprego do termo não é tão simplificado no ponto de vista de Ricoeur (1991), é necessário perceber que fala-se da ideia da identidade do si mesmo considerando um outro. O cruzamento dessas identidades, segundo Ricoeur (1991) é onde encontramos a identidade narrativa. Seus estudos prévios sobre identidade tinham uma falha, não consideravam a dimensão temporal tanto da identidade do si, quanto a ação propriamente dita. A articulação dessa identidade só pode ser feita na “dimensão temporal da existência humana” (RICOEUR, 1991, p. 138). A teoria da identidade narrativa de Paul Ricoeur (1991) é que nos expõe a totalidade da dialética entre mesmidade e ipseidade (sendo compreendidas como a permanência de indivíduo como ele próprio no passar de sua vida narrativa – mesmidade –, mesmo considerando as mutações sofridas ou provocadas – ipseidade).

Inicialmente, a questão da temporalidade parece aplicar-se somente a identidade-idem. O tempo, de acordo com Ricoeur (1991) é aspecto de dessemelhança, distanciamento. A continuação ao longo do tempo vem com uma série de pequenas mudanças, e mesmo ameaçando a semelhança, não vai destruí-la.

Observar o caráter é importante em nossa análise; para o autor, tal categoria é compreendida como uma gama de marcas distintas que permitem a identificação de um indivíduo como ele mesmo. O acúmulo de qualidades e aspectos que num conjunto e na permanência ao longo do tempo vão designar a mesmidade, ou seja, o caráter, para Ricoeur é um “conjunto de disposições duráveis com que reconhecemos uma pessoa. É por essa razão

⁶ O aprofundamento da teoria das identidades narrativa por Paul Ricoeur é abordado com mais profundidade em outro artigo ainda a ser publicado pelas autoras.

que o caráter pode constituir o ponto limite em que a problemática do ipse torna-se indiscernível da do idem e leva ao distinguir entre uma e outra” (RICOEUR, 1991, p. 146).

Para Ricoeur (1991), o hábito, uma vez que se torna disposição durável, passa a constituir um traço do caráter, e essa sedimentação é que traz, ao caráter, a permanência no tempo, o autor vê esse acontecimento como o ipse recobrando o idem. Os traços em questão (de caráter), possibilitam a identificação de um indivíduo, outra vez, como ele mesmo, e segundo Ricoeur (1991), o caráter não será algo outro que não um desses signos (traços) distintivos. “O caráter é verdadeiramente ‘o quê?’ do ‘quem?’” (RICOEUR, 1991, p. 147). Um exemplo a ser citado é um traço da personagem analisada neste artigo, ao longo de toda a trama, Molly Weasley sempre preza pela proteção e segurança de Harry. O traço repete-se, por consequência, é traço permanente de seu caráter.

A dialética entre inovação e sedimentação, internalizada no processo de identificação, para o autor, é lembrete de que o caráter tem uma história. Para Ricoeur (1991) o cerne da identidade narrativa só se motra na dialética entre ispeidade e mesmidade

4 A identidade narrativa em ação – Molly Weasley



Matriarca da família Weasley, dona-de-casa, mãe do melhor amigo de Harry (Rony), é bondosa, preocupa-se com Harry como se fosse seu próprio filho, tem um grande instinto protetor.

4.1 Primeiro livro

4.1.1 O embarque para Hogwarts

Naquele instante um grupo de pessoas passou as suas costas e ele encontrou algumas palavras que diziam...

— ... Cheio de trouxas, é claro...[...]

— Com licença — dirigiu-se Harry à mulher gorda.

— Olá, querido. É a primeira vez que vai a Hogwarts? O Rony é novo também. [...]

— É — respondeu Harry, — A coisa é, a coisa é que não sei como...

— Como chegar à plataforma? — disse ela com bondade, e Harry concordou com a cabeça.

— **Não se preocupe. Basta caminhar diretamente para a barreira** entre as plataformas nove e dez. Não pare e não tenha medo de bater nela, isto é muito importante. Melhor fazer isso meio correndo se estiver nervoso. Vá, vá antes de Rony.[...]

— Ei, mãe, advinha? Advinha quem acabamos de encontrar no trem?

Harry recuou o corpo rápido para que eles não o vissem olhando.



— Sabe aquele menino de cabelos pretos que estava perto da gente na estação? Sabe quem ele é?

— Quem?

— Harry Potter!

Harry ouviu a vozinha da garotinha.

— Ah, mamãe, posso subir no trem para ver ele, mamãe, ali, por favor...

— Você já o viu, Gina, e o coitado não é um bicho de zoológico para você ficar olhando. É ele mesmo, Fred? Como é que você sabe?

— Perguntei a ele. Vi a cicatriz. Está lá mesmo, parece um raio.

— Coitadinho. Não admira que estivesse sozinho. Foi tão educado quando me perguntou como entrar na plataforma.

— Deixa para lá, você acha que ele se lembra como era o Você-Sabe-Quem? De repente a mãe ficou muito séria.

— **Proíbo-lhe de perguntar a ele, Fred. Não, não se atreva. Como se ele precisasse de alguém para lhe lembrar uma coisa dessas no primeiro dia de escola.** (ROWLING, 2000, p. 83, 84 e 87) [Destques nossos]

4.2 Segundo livro

4.2.1 Chegada à Toca após o “resgate” de Harry da casa dos tios

A Sra. Weasley parou diante deles, as mãos nos quadris, olhando de uma cara culpada para a outra. Vestia um avental florido com uma varinha saindo pela borda do bolso.

— Muito bem — disse ela.

— Bom dia, mamãe — disse Jorge, no que ele audivelmente pensou que era uma voz lampeira e cativante.

— Vocês fazem idéia da preocupação que tive? — perguntou a Sra. Weasley num sussurro letal.

— Desculpe, mamãe, mas sabe, tínhamos que...

Os três filhos da Sra. Weasley eram mais altos do que ela, mas encolheram à medida que a raiva da mãe ia desabando sobre eles.

— As camas vazias! Nenhum bilhete! O carro desaparecido... Podia ter batido... Louca de preocupação... Vocês se importaram?... Nunca em minha vida... Esperem até seu pai voltar, nunca tivemos problemas assim com o Gui nem com o Carlinhos nem com o Percy...

— O Percy perfeito — resmungou Fred.

— **VOCÊS PODIAM SE MIRAR NO EXEMPLO DO PERCY!** — berrou a Sra. Weasley, metendo o dedo no peito de Fred.

— **Vocês podiam ter morrido, podiam ter sido vistos, podiam ter feito seu pai perder o emprego...**

Parecia que o sermão estava durando horas. A Sra. Weasley ficou rouca de tanto gritar até se virar para Harry, que recuou.

— **Estou muito contente em vê-lo, Harry, querido — disse ela. — Entre, venha tomar café.**

Deu meia-volta e entrou em casa, e Harry, depois de lançar um olhar nervoso a Rony, que acenou com a cabeça animando-o, acompanhou-a.[...]

De vez em quando resmungava coisas como "não sei o que estavam pensando" e "eu nunca teria acreditado".

— **Não estou culpando você; querido — ela tranqüilizou Harry, servindo oito ou nove salsichas no prato dele. — [...]**

(ROWLING, 2000, p. 34, 35 e 36) [Destques nossos]



4.3 Terceiro livro

4.3.1 O embarque na plataforma

Sra. Weasley beijou os filhos, depois Hermione e, por fim, Harry. O menino ficou encabulado, mas gostou bastante quando ela lhe deu mais um abraço.

— **Você vai se cuidar, não vai, Harry?** — recomendou a senhora, se endireitando, com um brilho estranho nos olhos. (ROWLING, 2000, p. 64)
[Destques nossos]

4.4 Quarto livro

4.4.1 A visita antes da prova

Então ele viu a Sra. Weasley e Gui parados diante da lareira, sorrindo para ele.

— Surpresa! — disse animada a Sra. Weasley, quando Harry, todo sorriso, se encaminhou para eles.

— **Pensamos em vir ver você, Harry!** — Ela se curvou e lhe deu um beijo na bochecha.

— Você está bem? — cumprimentou Gui, sorrindo para o garoto e apertando sua mão. — Carlinhos queria vir, mas não pôde tirar licença. Ele me contou que você esteve incrível na tarefa com o Rabo-Córneo húngaro.[...]

— **Foi muita gentileza da senhora** — murmurou Harry a Sra. Weasley. — **Pensei por um momento... Os Dursley...**

— **Hum** — resmungou a Sra. Weasley contraindo os lábios. Ela sempre se abstinha de criticar os Dursley diante de Harry, mas seus olhos faiscavam sempre que eles eram mencionados. (ROWLING, 2001, p. 490)
[Destques nossos]

4.4.2 Consolo depois da morte de Cedrico Diggory

Harry se deixou cair nos travesseiros enquanto Dumbledore desaparecia. Hermione, Rony e a Sra. Weasley ficaram olhando para o garoto. Nenhum deles falou durante muito tempo.

— Você tem que tomar o resto da sua poção, Harry — disse finalmente a Sra. Weasley. Ao apanhar o frasco e a taça, ela bateu com a mão no saco de ouro à mesa-de-cabeceira.

— **Durma bastante. Tente pensar em outra coisa por um tempo... Pense no que vai comprar com o seu prêmio!**

— Não quero esse ouro — falou Harry com a voz sem emoção. — Pode ficar com ele. Qualquer um pode ficar com ele. Eu não deveria ter ganho. Deveria ter sido de Cedrico.

A coisa contra a qual ele estivera lutando intermitentemente, desde que saíra do labirinto, ameaçava engolfá-lo. Sentiu uma ardência, um formigamento nos cantos internos dos olhos. Ele piscou e ficou encarando o teto.

— **Não foi sua culpa, Harry** — sussurrou a Sra. Weasley.

— Eu disse a ele que apanhasse a Taça comigo.

Agora a sensação de ardência passara à garganta, também. Ele desejou que Rony olhasse para outro lado.



A Sra. Weasley deixou a poção em cima da mesinha, abaixou-se e passou os braços em volta de Harry. O garoto não tinha lembrança de jamais ter sido abraçado assim, como faria uma mãe. Todo o peso do que vira aquela noite pareceu desabar sobre ele quando a Sra. Weasley o apertou contra o peito. O rosto de sua mãe, a voz de seu pai, a visão de Cedrico morto no chão, tudo começou a girar em sua cabeça até ele não conseguir mais agüentar, até seu rosto se contrair todo para conter o uivo de infelicidade que lutava para escapar de dentro dele. (ROWLING, 2001, p. 567) [Destaques nossos]

4.5 Quinto livro

4.5.1 Discussão com Sirius

— Acho que está chegando a hora de dormir — disse a Sra. Weasley bocejando.

— **Ainda não, Molly — pediu Sirius, afastando o prato para olhar Harry de frente. — Sabe, estou surpreso com você. Pensei que a primeira coisa que faria ao chegar era perguntar sobre o Voldemort.**

A atmosfera na sala mudou com a rapidez que Harry associava à chegada de dementadores. Se segundos antes estava sonolenta e descontraída, agora ficara alerta e até tensa. Correu um arrepio pela mesa à menção do nome do Voldemort. Lupin, que ia tomar um gole de vinho, baixou o cálice lentamente, com ar de preocupação.

— **Perguntei! — exclamou Harry, indignado. — Perguntei a Rony e Hermione, mas eles disseram que não podíamos participar da Ordem, então ...**

— **E têm toda a razão — disse a Sra. Weasley. — Vocês são muito jovens.**

A bruxa se empertigou na cadeira, as mãos fechadas sobre os braços, sem o menor vestígio de sono. [...]

— **Não cabe a você decidir o que é bom para o Harry! — retrucou a Sra. Weasley com aspereza. A expressão em seu rosto, normalmente bondoso, parecia perigosa. — Suponho que ainda se lembre do que Dumbledore disse?**

— Que parte! — perguntou Sirius educadamente, mas com ar de um homem que se prepara para uma briga.

— A parte em que disse para não contar a Harry mais do que ele *precisa saber* — disse a Sra. Weasley, sublinhando as duas últimas palavras.[...]

— Não tenho intenção de contar mais do que ele *precisa saber*, Molly. Mas como foi ele quem viu Voldemort voltar — mais uma vez houve um estremecimento coletivo ao som daquele nome — tem mais direito que a maioria de...

— **Ele não pertence à Ordem da Fênix! — contrapôs a Sra. Weasley. — Tem apenas quinze anos e... [...]**

— **Ele não é mais criança! — retrucou Sirius, impaciente.**

— **Tampouco é adulto! — disse a Sra. Weasley, a cor afluindo às suas faces. — Ele não é Tiago, Sirius! [...]**

— **Vamos deixar as instruções que recebi de Dumbledore fora da conversa, quer fazer o favor? — disse Sirius quase gritando.**

— **Arthur! — chamou a Sra. Weasley, zangando-se com o marido. — Arthur, venha me apoiar!**



O Sr. Weasley não falou imediatamente. Tirou os óculos e limpou-os devagar nas vestes, sem olhar para a esposa. Só depois que os recolocou no rosto, começou a responder.

— Dumbledore sabe que houve uma mudança de posição, Molly. Ele aceita que Harry tenha de ser informado, até certo ponto, agora que está hospedado aqui na sede.

— Sei, mas há uma diferença entre isso e convidá-lo a perguntar o que quiser!

— Por mim — disse Lupin em voz baixa, só então afastando o olhar de Sirius, ao mesmo tempo em que a Sra. Weasley se virava para ele na esperança de ter finalmente conseguido um aliado — , acho melhor que Harry conheça, por nosso intermédio, os fatos, não todos, Molly, mas o quadro geral, em vez de ouvir uma versão truncada pela boca de... outros.

Sua expressão era suave, mas Harry teve certeza de que Lupin, pelo menos, sabia que algumas Orelhas Extensíveis haviam sobrevivido ao expurgo da Sra. Weasley.

— **Bom** — começou ela, dando um longo suspiro e olhando ao redor à procura de um apoio que não veio —, bom... estou vendo que vou perder. Mas vou dizer só uma coisa: Dumbledore deve ter tido suas razões para não querer que Harry soubesse demais, e falando como alguém que quer o melhor para Harry...

— Ele não é seu filho — disse Sirius em voz baixa.

— É como se fosse — respondeu ela ferozmente. — Quem mais ele tem?

— Tem a mim!

— Tem — concordou a Sra. Weasley, crispando a boca —, o problema é que foi bastante difícil para você cuidar dele enquanto esteve trancafiado em Azkaban, não foi?

Sirius começou a se erguer da cadeira.

— Molly, você não é a única pessoa nesta mesa que se importa com Harry

— disse Lupin secamente. — Sirius, *sente-se*.

O lábio inferior da Sra. Weasley estava tremendo. Sirius tornou a se sentar lentamente em sua cadeira, o rosto branco.

— Acho que devíamos deixar Harry dar a opinião dele sobre o assunto — continuou Lupin —, ele já tem idade para decidir sozinho.

— Eu quero saber o que está acontecendo — disse o garoto imediatamente.

Ele não olhou para a Sra. Weasley. Comovera-se quando a ouviu dizer que era como se fosse seu filho, mas também estava impaciente com seus mimos exagerados. Sirius tinha razão, ele não era criança. (ROWLING, 2003, p. 75 - 78) [Destaques nossos]

4.6 Sétimo livro

4.6.1 O resgate do corpo de Moody

— O corpo de Olho-Tonto — explicou Lupin. — Precisamos resgatá-lo.

— Não podem... — começou a sra. Weasley, lançando um olhar suplicante a Gui.

— Esperar? — perguntou Gui. — Não, a não ser que a senhora prefira que os Comensais da Morte o levem.

Todos se calaram. Lupin e Gui se despediram e saíram.

Os que tinham ficado agora se sentaram, todos exceto Harry, que continuou de pé. A repentinidade e completude da morte dominava a atmosfera da sala como uma presença.



— **Eu tenho que ir também — anunciou Harry.**

Dez pares de olhos assustados o olharam.

— **Não seja tolo, Harry — disse a sra. Weasley. — Que está dizendo?**

— **Não posso ficar aqui.**

Ele esfregou a testa: voltara a formigar; não doía assim havia mais de um ano.

— **Todos vocês correm perigo enquanto eu estiver aqui. Não quero...**

— **Mas não seja tolo! — protestou a sra. Weasley. — A razão do que fizemos hoje à noite foi trazê-lo para cá em segurança e, graças aos céus, conseguimos. Fleur concordou em casar aqui, em vez de na França, já providenciamos tudo para que possamos ficar juntos e cuidar de você...**

Ela não compreendia; estava fazendo Harry se sentir pior e não melhor.

— Se Voldemort descobrir que estou aqui...

— Mas por que descobriria? — perguntou a sra. Weasley.

Há outros doze lugares onde você poderia estar agora, Harry — lembrou o sr. Weasley. — Ele não tem como saber para qual das casas protegidas você foi.

— Não é comigo que estou preocupado! — contrapôs o garoto.

— Nós sabemos — replicou o sr. Weasley com a voz calma. — Mas, se você for embora, teremos a sensação de que os nossos esforços desta noite foram inúteis.

— **Você não vai a lugar nenhum — rosnou Hagrid. — Caramba, Harry, depois de tudo que passamos para trazer você para cá? [...]**

— Olho-Tonto não iria querer isso...

— EU SEI! — berrou Harry. (ROWLING, 2007, p. 68 e 69) [Destques nossos]

4.6.2 A missão não é sua

As previsões de Rony se confirmaram algumas horas mais tarde. Pouco antes do almoço, a sra. Weasley afastou Harry dos outros, pedindo-lhe para identificar um pé de meia sem par que talvez tivesse caído da mochila dele. Assim que o encurralou na despensa mínima ao lado da cozinha, ela começou:

— **Rony e Hermione estão achando que vocês três vão deixar Hogwarts**

— **começou ela em um tom leve e informal.**

— **Ah — respondeu Harry. — Ah, é. Vamos.**

O par apareceu sozinho no canto, saindo de um colete que parecia ser do sr, Weasley.

— Posso perguntar por que vocês vão abandonar sua educação?

— Bem, Dumbledore me deixou... umas coisas para fazer — murmurou Harry. — Rony e Hermione sabem disso, e querem vir comigo.

— Que tipo de “coisas”?

— Desculpe, mas não posso...

— **Ora, francamente, acho que Arthur e eu temos o direito de saber, e tenho certeza de que o sr. e a sra. Granger concordariam comigo! — retrucou a sra. Weasley. Harry receara a estratégia dos “pais preocupados”. [...]**

— Dumbledore não queria que mais ninguém soubesse. Sinto muito. Rony e Hermione não têm que viajar comigo, foi a opção que fizeram...

— **Também não vejo por que você precisa ir! — retorquiu ela, abandonando todo o fingimento. — Vocês mal atingiram a maioria, os três! É um absurdo, se Dumbledore precisava que fizessem algum serviço para ele, tinha a Ordem inteira à disposição! Harry, você deve**

ter entendido mal. Provavelmente ele estava falando de alguma coisa que queria que alguém fizesse, e você entendeu que se referia a você...

— Não entendi mal — respondeu Harry resolutamente. — O alguém era eu. (ROWLING, 2007, p. 73 e 74) [Destques nossos]

4.7 Mapa Semiótico Molly Weasley

Com base nos oito recortes feitos e utilizando o mapa semiótico, podemos concluir que o percurso gerado com as atitudes de Molly Weasley forma o seguinte trajeto

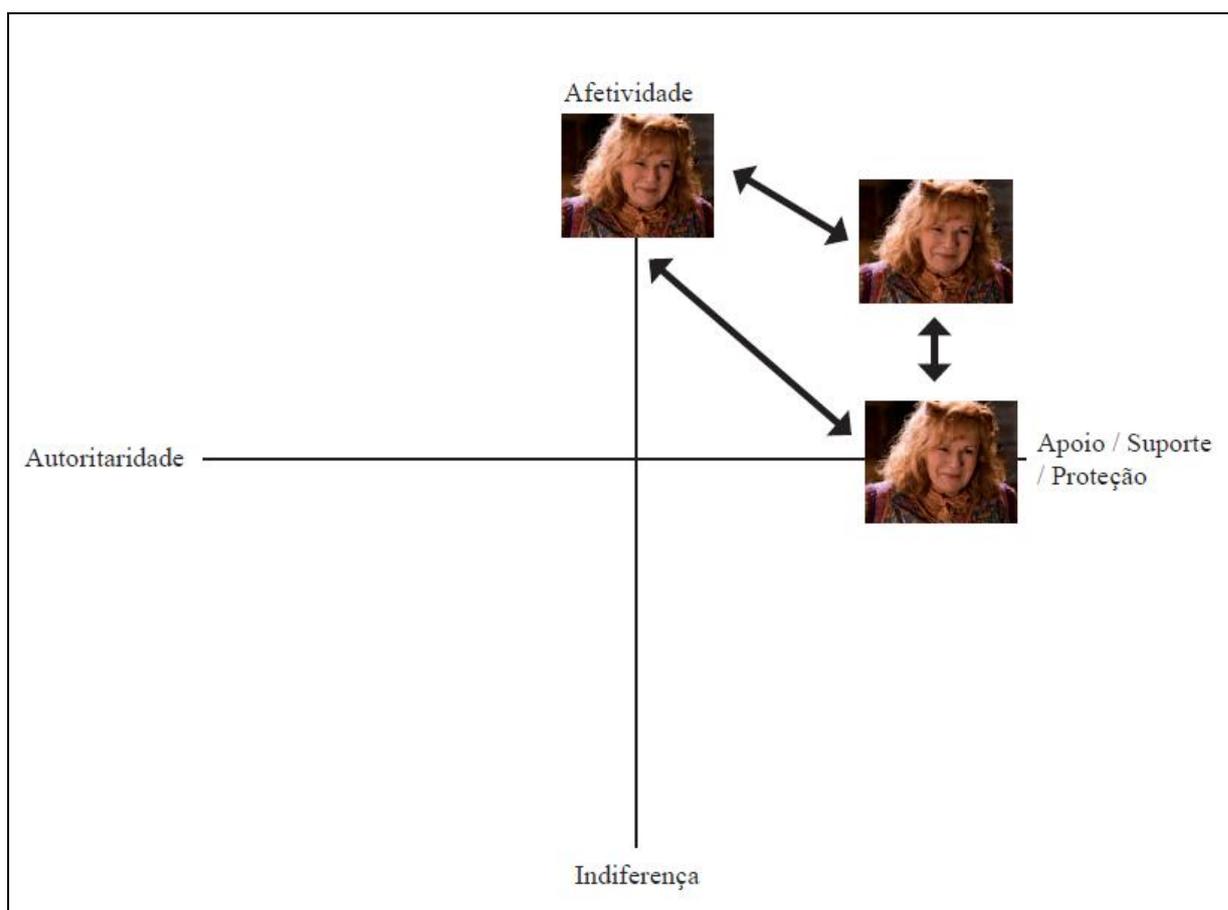


Figura 1 – Mapa semiótico Molly Weasley

Elencamos oito situações de grande importância protagonizadas pela personagem Molly Weasley. Começamos pelo primeiro encontro entre ela e Harry Potter, no embarque para a escola, onde ela o ajuda a chegar à plataforma de embarque de forma bondosa e brigando com os próprios filhos, para que eles não ficassem em torno de Harry tratando-o como um animal em exposição, o que a coloca no meio do primeiro quadrante entre o apoio e a afeição.

Num outro momento da narrativa, já no segundo livro, os filhos de Molly vão resgatar Harry da casa dos tios. Ela briga com os filhos por terem roubado o carro, viajado sem



autorização e fala ainda do medo de que eles fossem descobertos⁷, mas, em momento algum culpa Harry ou mesmo briga com ele, deixando-a assim no mesmo ponto do mapa. Já no terceiro livro, devido ao perigo iminente devido à fuga de Sirius Black⁸, Molly procura se certificar de que Harry irá se cuidar, o que a inscreve exatamente em cima do valor de Proteção.

No quarto livro, durante o Torneio Tribruxo, os competidores podem receber a visita de familiares antes da última prova. Harry recebe a visita de Molly Weasley, o que a coloca exatamente em cima do valor de Afeição. No mesmo livro, após a morte de Cedrico Diggory, Molly consola Harry de maneira afetuosa e sem culpá-lo pela morte do outro rapaz. Essa situação a coloca, novamente, no meio do primeiro quadrante entre o Apoio e a Afeição.

No quinto livro, a discussão com Sirius faz com que ela se mantenha no mesmo quadrante, entre o Apoio e a Afeição, pois, apesar de apoiar a causa contra Voldemort, ela sente o dever de proteger Harry e não deixá-lo juntar-se aos que lutam. A mesma situação de permanecer entre Proteção e Afeição se dá ao discutir com Harry sobre o resgate do corpo de Moody no sétimo livro. Neste mesmo livro, o discurso de que “a missão não é sua”, inscreve-se no mesmo quadrante entre a Afeição e a Proteção.

A personagem Molly Weasley, considerada na nossa análise, sob a égide de Ricoeur, como demonstra o seu mapa semiótico, é preocupada e afeiçãoada a Harry. Seu instinto protetor é uma forma de sedimentação para o caráter de Harry, as identidades dos dois coincidem neste aspecto, se perpassam e se confirmam (mesmidade), apesar das atitudes de ipseidade, em relação à cautela, de Harry ao longo da trama.

Outro aspecto a ser considerado na personagem Molly Weasley é sua personalidade forte que, mesmo sendo uma dona-de-casa, se mostra pensante, ativa na maioria das vezes, embora perca os embates quando se trata de manter Harry afastado do perigo. A mesmidade de Molly procura recobrir a ipseidade de Harry, o que não é possível, uma vez que há mais fatos na história que reforçam a ipseidade do que a mesmidade proposta pela matriarca Weasley.

Tomando outros dois diálogos como base, os quais estão no sétimo livro, “O resgate do corpo de Moody” e “A missão não é sua”, e buscando o entendimento além do recorte feito, podemos, claramente, ver a identificação de Harry com a manutenção da palavra, é a

⁷ Os bruxos vivem na clandestinidade, a comunidade trouxa (ou não mágica) não sabe da existência do mundo mágico.

⁸ Padrinho de Harry, porém essa informação não é passada ao garoto, justamente por temerem que Harry o procure para cobrar explicações, já que todos desconfiavam que ele era o traidor dos Potter, o que levou à morte dos pais de Harry.



mesmidade de Harry, o que se mantém e o identifica, reforçando a ideia que foi descrita a cima. Não se pode pensar o ipse sem o idem, são pólos opostos, que sedimentam o traço de proteção coletiva do personagem, mesmo com a ipseidade perpassando a sua mesmidade. Percebe-se, por fim, que ao contrário da tia de Harry, Molly Weasley mantém a sua mesmidade ao longo da trama.

Considerações finais

O entendimento de que o livro é uma mídia de massa, comprovada pelos números apresentados, é importante para a definição da análise da saga como tema pertinente. Buscamos o aporte de autores como Umberto Eco (1991), Jean-Marie Floch (1993) e Andrea Semprini (1995) e Paul Ricoeur (1991) para montar um esquema de análise que possibilitasse compreender como a trama é construída, que valores são mais adensados durante a história. Os valores encontrados: Autoridade, Indiferença, Apoio, Afetividade; levaram à montagem do mapa semiótico, com tal esquema Esses valores foram utilizados para a montagem do mapa semiótico, um modelo simplificado daqueles mostrados por Floch (1993) e Semprini (1995) para a análise de marcas na publicidade. Com esse esquema montado é possível, dentre outros procedimentos, verificar a relação e como as personagem femininas se guiam perante os atos de Harry Potter – no caso do artigo apresentado, apenas a personagem Molly Weasley.

Consideramos, por fim, que Molly Weasley, a personagem analisada neste artigo, tem colaboração efetiva na formação e estruturação do personagem principal Harry Potter. Embora não tenhamos verificado mudanças no caráter do personagem Harry Potter, a contribuição de Molly Weasley dá-se, mesma na tentativa de dissuadir, na sedimentação de traços e valores já presentes em Harry. Essa contribuição de sedimentação de valores como a amizade, honestidade e competência, registrados em diversos recortes, como os aqui registrados, é o que torna possível não só o reconhecimento de Harry Potter ao longo da trama como também de Molly Weasley

Referências bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970
- BARROS, Janayna. SILVEIRA, A.C.M. **Best seller**: Harry Potter e a mídia do livro. Revista EmQuestão. Porto Alegre, v.8, n.2, p. 259-274, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/26838>>. Acesso em 14 mar. 2013.
- CONFORTIN, Helena. Discurso e Gênero: a mulher em foco. In: **Representações do Feminino**. Organização: Maria Inês Ghilardi-Lucena. Campinas: Átomo, 2003.
- DRESANG, Eliza T. Hermione Granger and the heritage of gender. In: **The Ivory Tower and Harry Potter**. Organização: Lana A. Whited. Columbia, US: Missouri, 2002.
- ECO, Umberto. **O Super-homem de massa**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FLOCH, Jean-Marie. **Semiótica, marketing y comunicación**. Bajo los signos, las estratégias. Barcelona, ES: Paidós, 1993.



- GREIMAS, Algirdas J., COURTÉS, Joseph. **Semiótica**. Dicionario razonado de la teoría del lenguaje. Madri: Gredos, 1982.
- MACDONALD, Myra. **Representing Women: Myths of femininity in the popular media**. Nova Iorque: Arnold, 1995.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009
- MAYES-ELMA, Ruthann. **Females and Harry Potter: Not all that empowering**. Oxford,UK: Rowman & Littlefield, 2006.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Tradução: Lucy Moreira Cesar. São Paulo: Papirus, 1991. Tradução: Lucy Moreira Cesar.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a câmara secreta**. Tradução: Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. **Harry Potter e a ordem da fênix**. Tradução: Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- _____. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Tradução: Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. **Harry Potter e as relíquias da morte**. Tradução: Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- _____. **Harry Potter e o cálice de fogo**. Tradução: Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- _____. **Harry Potter e o enigma do príncipe**. Tradução: Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- _____. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Tradução: Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SEMPRINI, Andrea. **El marketing de la marca**. Una aproximación semiótica. Barcelona, ES: Paidós, 1995.
- SODRÉ, Muniz. **Best-seller: A literatura de mercado**. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. **Antropológica do espelho** uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- UOL Entretenimento e Cinema. Disponível em:
<http://cinema.uol.com.br/ultnot/efe/2011/08/10/ultimo-harry-potter-se-consagra-como-maior-bilheteria-de-2011.jhtm>. Acesso em 11 abr de 2013.